Dia 3 — São Brás, Bispo de Sebaste e Mártir

São Brás, bispo de Sebaste e mártir, tão célebre em todo o mundo cristão pelo dom dos milagres com que Deus o honrou, era da própria Sebaste, cidade da Armênia. A pureza de seus costumes, a doçura de seu natural, sua modéstia, sua prudência e sobretudo sua eminente piedade granjearam-lhe a estima de todos os bons.

Empregou no estudo da filosofia os primeiros anos de sua vida e em pouco tempo fez grandes progressos. Os belos conhecimentos que adquiriu no estudo da natureza excitaram sua inclinação à medicina; aplicou-se a ela e a possuiu com perfeição. Esta profissão deu-lhe motivo para conhecer mais de perto as enfermidades e misérias desta vida, pondo-o em ocasião de fazer mais sérias reflexões sobre sua caducidade, como também sobre o mérito e sobre a solidez dos bens eternos.

Penetrado destes grandes sentimentos, resolveu prevenir os remorsos que se experimentam na hora da morte, evitando-os com a santidade de uma vida verdadeiramente cristã. Pensava retirar-se ao deserto quando, tendo morrido o bispo de Sebaste, foi eleito para suceder-lhe com universal aplauso de toda a cidade.

A nova dignidade só serviu para que resplandecesse com novo lustre sua virtude, obrigando-o a empreender uma vida mais santa. Quanto mais se desvelava no cuidado da salvação de suas ovelhas, mais se aumentava o que tinha da própria. Aplicou-se a instruir o povo igualmente com seus exemplos e com suas palavras; sua vida dava uma força maravilhosa a seu zelo, achando todos no santo pastor pai, modelo e guia segura.

Era tão grande a inclinação que tinha ao retiro, e tão ardente o desejo de aperfeiçoar-se cada dia mais e mais, que se viu como que obrigado a esconder-se numa gruta situada sobre o cume de uma montanha chamada monte Argeu, que estava pouco distante da cidade.

Poucos dias depois de estar ali, manifestou Deus o mérito extraordinário e a eminente santidade de seu fiel servo com todo gênero de milagres. Não só concorriam de todas as partes os homens para que os curasse das doenças da alma e do corpo, mas até as próprias feras saíam de suas cavernas e vinham aos bandos para que o santo bispo lhes lançasse sua bênção e as sarasse dos males que as afligiam. Se sucedia encontrá-lo em oração quando chegavam, esperavam mansamente à porta da gruta sem interrompê-lo; mas, em todo caso, não se retiravam até ter conseguido que o santo as abençoasse.

Por volta do ano 315, veio a Sebaste Agrícola, governador da Capadócia e da Armênia Menor, por mandado do imperador Licínio, com ordem de exterminar todos os cristãos. Em cumprimento de sua comissão, logo que entrou na cidade, mandou que fossem lançados às feras todos os fiéis cristãos que se achassem nas prisões. Para executar-se esta sentença, foi preciso sair aos bosques circunvizinhos à caça de leões e tigres. Entraram pelo monte Argeu os ministros do governador e, dando com a caverna onde estava retirado São Brás, acharam à porta uma multidão de feras e viram o santo, não sem grande assombro seu, que estava fazendo oração no meio delas com a maior tranquilidade. Admirados de sucesso tão extraordinário, deram conta ao governador do que acabavam de ver e, não menos admirado o mesmo governador, deu ordem aos soldados para que levassem à sua presença o santo bispo. Apenas lhe intimaram esta ordem, banhado nosso santo de uma dulcíssima alegria: Vamos, filhos meus — disse —, vamos derramar nosso sangue por meu Senhor Jesus Cristo; muitos dias há que suspiro pelo martírio, e esta noite me deu o Senhor a entender que se dignava aceitar meu sacrifício.

Logo que correu a voz de que era conduzido nosso santo à cidade de Sebaste, inundaram-se de gente os caminhos, concorrendo até os próprios gentios a receber sua bênção e a que os aliviasse de seus males. Uma pobre mulher, aflita e desconsolada, rompeu como pôde por entre a multidão e, cheia de confiança, lançou-se aos pés do santo, apresentando-lhe um filho seu que estava agonizando por uma espinha que se lhe havia atravessado na garganta e, sem remédio humano, o sufocava. Compadecido o piedosíssimo bispo do triste estado do filho e da dor da mãe, levantou os olhos e as mãos ao céu, fazendo esta fervorosa oração: Dignai-vos, Senhor meu, pai das misericórdias e Deus de todo consolo, dignai-vos ouvir a humilde petição de vosso servo e restituí a este menino a saúde, para que conheça todo o mundo que só vós sois o Senhor da morte e da vida; e, pois vós sois o dono soberano de todos, misericordiosamente liberal para com todos quantos invocam vosso santo nome, humildemente vos suplico que todos os que daqui em diante recorrerem a mim para conseguir de vós, pela intercessão de vosso servo, a cura de semelhantes doenças experimentem o efeito de sua confiança e sejam benignamente ouvidos e favoravelmente despachados. Apenas acabou o santo sua oração, o menino lançou fora a espinha e ficou de todo são. Esta é a origem da particular devoção que se tem a São Brás em todos os males de garganta; e os prodígios que cada dia se experimentam acreditam a eficácia de sua poderosa proteção.

Logo que chegou à cidade, foi apresentado ao governador, que lhe mandou que ali mesmo, sem réplica e sem dilação, sacrificasse aos deuses imortais. Ó Deus! — exclamou o santo —, para que dás esse nome aos demônios, que só têm poder para fazer-nos mal? Não há mais que um só Deus imortal, todo-poderoso e eterno, e esse é o Deus que eu adoro.

Irritado Agrícola com esta resposta, mandou-o no mesmo instante espancar com toda a crueldade, e por tão longo tempo que não se creu que pudesse sobreviver a este suplício; mas logo se conheceu, pela extraordinária alegria de seu venerável semblante, que alguma força superior e sobrenatural o sustentava. Levaram-no ao cárcere, e nele obrou tantos milagres que, entrando o governador numa espécie de fúria, mandou que lhe despedaçassem as carnes com unhas aceradas, acrescentando feridas a feridas. Corriam arroios de sangue por todas as partes, e sete devotas mulheres procuravam recolhê-lo cuidadosamente. Encontraram logo o prêmio de sua devoção; porque, levadas diante do governador em companhia de dois pequenos meninos, mandou-lhes este que no mesmo momento sacrificassem aos deuses, sob pena de vida. Pediram

elas que lhes entregassem os ídolos e, quando todos criam que iam sacrificar-lhes, ficaram atônitos vendo que com valoroso denodo os lançaram numa lagoa; animosa determinação que lhes mereceu a coroa do martírio, porque ali mesmo foram degoladas juntamente com os dois ditosos meninos.

Seguiu-as logo São Brás; pois, envergonhado o governador de ver-se sempre vencido, mandou que o afogassem na mesma lagoa onde haviam sido lançados os ídolos. Fez o santo mártir o sinal da cruz e começou a caminhar sobre as águas sem afundar-se, como poderia em terra firme. Chegou ao meio da lagoa e, sentando-se serenamente nela, convidou os infiéis a que fizessem outro tanto, se criam que seus deuses tivessem algum poder. Houve alguns tão simples ou tão ousados que quiseram fazer a prova; mas muito à sua custa, porque todos se afogaram. Ao mesmo tempo ouviu São Brás uma voz que o convidava a sair da lagoa para receber a coroa do martírio. Fê-lo no mesmo instante; e, apenas saiu à terra, o governador, cintilando em cólera, mandou cortar-lhe a cabeça, no ano do Senhor de 316.

Os favores que Deus tem dispensado aos fiéis por sua intercessão tornaram muito célebre o culto de nosso santo em toda a Igreja. Os gregos celebram sua festa; e em muitas cidades, e até bispados inteiros da igreja latina, é festa de preceito por obrigação de voto. A cidade de Ragusa, na Dalmácia, escolheu-o por primeiro padroeiro de sua igreja e de sua república, durando quatro dias a festa anual com que o solenizam. Outros muitos povos o veneram por seu tutelar. Nos despovoados e nos campos são muitas as ermidas e os nichos que estão dedicados a nosso santo. Os contínuos benefícios que cada dia se conseguem por sua intercessão, sobretudo em males de garganta e em enfermidades de crianças e de animais, não têm contribuído pouco para estender a devoção a São Brás e acender a piedosa ânsia com que em todo o mundo cristão se solicitam suas relíquias.

Nota-se que Aécio, antigo médico da Grécia, entre os remédios que assinala para o mal de garganta, recomenda singularmente a devoção a São Brás, como uma medicina pronta, eficaz e experimentada; o que acredita quão antigo é o recurso à proteção deste grande santo.

Martirológio Romano

Em Sebaste da Armênia, o martírio de São Brás, bispo, o qual, depois de ter obrado muitos milagres, sofreu longa flagelação por ordem do presidente Agrícola; depois foi atado a um poste, onde lhe rasgaram a carne com pentes de ferro; em seguida foi encerrado num horrível calabouço e lançado num lago, de onde saiu são e salvo; enfim, por ordem do juiz, foi decapitado com dois meninos. Antes dele foram decapitadas, depois de sofrer cruéis suplícios, sete mulheres reconhecidas como cristãs, por terem recolhido as gotas de sangue que corriam do corpo do santo mártir durante seu suplício.

Na África, São Celerino, diácono, o qual, tendo estado em estreita prisão durante dezenove dias, carregado de ferros e preso pelos pés e pelo pescoço, e sofrido outros muitos gêneros de penas, chegou a ser um glorioso confessor de Jesus Cristo; e, triunfando heroicamente do inimigo com sua

invencível firmeza, aplanou a outros o caminho da vitória.

Além disso, São Laurentino, seu tio paterno; Santo Inácio, seu tio materno; e Santa Celerina, sua avó, que haviam recebido antes dele a coroa do martírio. Temos uma elegante carta de São Cipriano em louvor de todos estes santos.

Na mesma província, os santos mártires Félix, Sinfrônio, Hipólito e seus companheiros.

Em Gap, no Delfinado, os santos Terredo e Ramesi, bispos.

Em Lyon, na França, os santos Lupicino e Félix, bispos também.

No mesmo dia, Santo Anscário, bispo de Bremen, que converteu os suecos e dinamarqueses à fé de Jesus Cristo.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Blasii martyris tui atque pontificis annua solemnitate lætificas: concede propitius, ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que a cada ano nos enchestes de regozijo com a solenidade de vosso mártir e pontífice o bem-aventurado Brás, concedei-nos, por vossa bondade, que, quando celebramos seu nascimento no céu, nos alegremos com sua proteção na terra: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 1,3-7

> **Latim:** 3 Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, Pater misericordiarum, et Deus totius consolationis, 4 qui consolatur nos in omni tribulatione nostra : ut possimus et ipsi consolari eos qui in omni pressura sunt, per exhortationem, qua exhortamur et ipsi a Deo. 5 Quoniam sicut abundant

> passiones Christi in nobis : ita et per Christum abundat consolatio nostra. [6] Sive autem tribulamur pro vestra exhortatione et salute, sive consolamur pro vestra consolatione, sive exhortamur pro vestra exhortatione et salute, quæ operatur tolerantiam earumdem passionum, quas et nos patimur : [7] ut spes nostra firma sit pro vobis : scientes quod sicut socii passionum estis, sic eritis et consolationis.

Português: [3] Bemdito seja o Deos, e Pai de nosso Senhor Jesu Christo, Pai de misericordias, e Deos de toda a consolação, [4] o qual nos consola em toda a nossa tribulação: para que possamos tambem nós mesmos consolar aos que estão em toda a angústia, pelo conforto, com que tambem nós somos confortados de Deos. [5] Porque á medida que em nós crescem as penas de Christo: crescem tambem por Christo as nossas consolações. [6] Porque se somos atribulados, para vossa exhortação he e salvação, se somos consolados, para vossa consolação he, se somos confortados, para vosso conforto he e salvação, a qual obra o sofrimento das mesmas afflictões, que nós tambem sofremos: [7] para que seja firme a nossa esperança por vós: estando certos, que assim como sois companheiros nas afflictões, assim o sereis tambem na consolação.

Nota

«Já se disse que, achando-se São Paulo na Macedônia por volta do ano 57 de Cristo, teve notícia, com grande consolo seu, pela chegada de seu querido discípulo Timóteo, do belo efeito que havia feito sua primeira carta aos coríntios a respeito do incestuoso. Isto o animou a escrever-lhes outra segunda para que se acautelassem contra os artifícios daqueles falsos apóstolos, que procuravam desacreditar o próprio Apóstolo entre eles, com o fim de que, desacreditada a pessoa, começassem a desgostar-se da doutrina que lhes havia pregado.»

Reflexões

Se o Pai das misericórdias é nosso Deus, e se o Deus de toda consolação é nosso pai, que podemos temer? A pobreza, as enfermidades, as perseguições, as adversidades podem fazer-nos infelizes e desgraçados aos olhos dos homens; mas, se Deus nos consola em nossas tribulações, poder-se-á ter muita lástima de nós? Este só nome de Pai das misericórdias nos deve animar a confiança ainda em meio de nossos mais enormes pecados. Sejamos nós seus verdadeiros, seus fiéis servos, que ele olhará por nossos interesses.

Quantos se veem no mundo ricos, poderosos, cumulados de honras, fartos, por assim dizer, de prosperidades, que apesar disso são homens infelizes! Se há cruzes, se há mortificações interiores que não saem para fora, por que não haverá também doçuras e consolos invisíveis? Não há sentido mais exposto a enganar-se que os olhos. Pode-se dizer que tudo quanto se vê no mundo é

alucinação, é engano; só se encontra verdade e solidez nas promessas de Jesus Cristo e em seu serviço. As exterioridades da virtude retraem e até aterram; mas *gustate et videte*, diz o Profeta: não vos governeis precisamente pela vista, mas pelo gosto.

Quanta mais parte tivermos nos tormentos de Jesus Cristo, mais parte nos tocará nos consolos que vêm por Jesus Cristo. Num criado só se descobre a libré do amo a quem serve; mas não se vê nem o salário que ganha nem os proveitos que tem. A libré de Jesus Cristo não só é modesta, mas obscura e pouco grata aos sentidos, ao passo que, pelo contrário, as librés dos que servem ao mundo são brilhantes; mas que brilho tão falso! Que se ganha em seu serviço? O salário mais certo são amarguras e arrependimentos.

Tem o mundo suas cruzes, mas secas, mas sem mérito. Gastam os mundanos os bens e a saúde; padecem muito cada qual em seu estado e condição; mas quem lho agradece? A esperança dos justos é sólida; contados tem Deus seus cabelos, e não derramarão por seu amor uma só lágrima que não lhes produza uma torrente de delícias. Sejam embora caluniados, menosprezados e perseguidos; nenhuma proporção tem o que padecem com a grandeza, com o preço, com a duração do prêmio que os aguarda. Nem há que pensar que este prêmio só se lhes reserva para a outra vida; ouvi a um Santo Efrém, a um São Francisco Xavier, a uma Santa Maria Madalena de Pazzi, que em meio dos trabalhos que padeciam nesta clamavam ao céu do mais íntimo de seu coração: Moderai, Senhor, os gostos de que nos cumulais; ponde algum limite aos excessivos consolos que comunicais a nossa alma neste vale de lágrimas. Quando se ouvirá a um mundano queixar-se com verdade de semelhante excesso? Quando poderá confessar de boa-fé que são demasiados, que são insuportáveis os consolos com que premia o mundo os que o servem? E com tudo isso ainda se estremece o coração quando se trata de entrar no serviço de Deus! Ainda se achará que custa muito isto de ser bom cristão! Ainda haverá muitos que, atoleimadamente, corram em tropas a servir ao mundo! Que desdita! Que loucura!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,24-27

> **Latim:** [24] Tunc Jesus dixit discipulis suis : Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me. [25] Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam : qui autem perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. [26] Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur ? aut quam dabit homo commutationem pro anima sua ? [27] Filius enim hominis venturus est in gloria Patris sui cum angelis suis : et tunc reddet unicuique secundum opera ejus.

Português: [24] Então disse Jesus aos seus discípulos : Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. [25] Porque o que quizer salvar a sua alma, perdella-ha: e o que perder a sua alma por amor de mim, achalla-ha. [26] Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que comutação fará o homem para recobrar a sua alma? [27] Porque o Filho do homem ha de vir na gloria de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada hum a paga segundo as suas obras.

Meditação

Dos falsos gostos do mundo

Primeiro ponto

Considera que o mundo promete o que não tem quando oferece alegria plena, gosto cumprido, prazer puro e diversão que não enfade. Não tem o mundo prazer que não esteja misturado de amargura; se não o acompanha quando se logra, segue-o muito de perto.

Os gostos do mundo, propriamente, não são mais que umas agradáveis ilusões; estão na fantasia e não no coração; divertem enquanto suspendem por algum tempo outros enfados e outros cuidados reais; não se estimam pelo que valem, mas pelo que custam. Com efeito, depois dos gastos que se fazem, depois dos afãs que se tomam para satisfazer-se com eles, logra-se esta satisfação? Consegue-se ficar contente? Ah, que os gostos do mundo inquietam e alteram! Quanto mais se gostam, menos satisfazem e mais fome excitam. Que loucura, meu Deus, ter por gosto o que sempre está acompanhado de algum dissabor e a que nunca deixa de seguir um cruel remorso!

Ainda os prazeres mais lícitos não são na realidade prazeres; por mais que se multipliquem, sempre deixam algum vazio que inquieta. Jogos, saraus, convites, tudo fatiga, tudo cansa. Pode-se dizer que as diversões do mundo são como aquelas exalações luminosas que se divisam a longa distância; quando se corre para elas, afastam-se; e, quando parece que já se tocam com as mãos, desaparecem. Mas suponhamos que se as alcance; que vem a tirar-se delas? Muito cansaço, muita confusão e muito remorso.

Não há que buscar provas nem exemplos fora de nós mesmos. Que gosto puro, sólido, real e que nos satisfizesse temos achado no mundo? Quantas vezes, indignados contra nossa ilusão, temos abominado nossas paixões e nossa concupiscência? Quantas vezes nos temos compadecido, nos temos lastimado daqueles mesmos que nos imitavam em nossa imprudência e em nossas desordens?

Será possível, Senhor, que estas reflexões não hajam de remediar jamais um erro, uma cegueira tantas vezes reconhecida e confessada! Será possível que, depois de ter experimentado tantas vezes a vaidade e a amargura dos gostos do mundo, ainda hajamos de suspirar por uns gostos tão vazios e tão amargos!

Segundo ponto

Considera que, para conhecer bem a natureza dos gostos do mundo, não há melhor meio que consultar os que com mais fome os apeteceram e os que por mais longo tempo os desfrutaram. Pergunto: estes gostos fizeram porventura feliz a um só homem?

Salomão, monarca absoluto do mais florido reino do universo, cumulado de honras, cheio de prosperidades, resolve não negar gosto nem satisfação alguma a seu coração e a seus sentidos. Palácio não só magnífico, mas soberbo, jardins deliciosos, mesa esplêndida, corte numerosa, pompa, riquezas, suntuosidade, todo o universo contribui para suas delícias; e por isso diz: Nada recusei a meus olhos de quanto apeteceram; prometi a meu coração não lhe escassear gosto algum desta vida, e assim lho cumpri; mas, depois de tudo, que achei? Que tudo era vaidade e aflição de espírito. Nossa concupiscência é nosso tirano. Ah, e quão verdade é que quem quer salvar a vida há de perdê-la! Poucos gostos tem o mundo que não estejam envenenados.

Não sofre o mundo em seu serviço senão escravos. Que violência, meu Deus, que servidão, que prisões, que escravidão em tudo; e em tudo, que enfados, que pesadumes! A maior diversão do mundo, propriamente falando, só vem a consistir em aturdir-se, em atordoar-se um mundano para acalmar suas inquietações. Quem ignora este segredo é digno de compaixão. Só se vive no meio do tumulto; e todo o cuidado é fugir cada qual de certa maneira de si mesmo. O silêncio, a quietude, a solidão, viver com repouso e em sossego, é um suplício insuportável. Quem se vê a sós consigo tem-se por infeliz. Grite quanto quiser o espírito do mundo contra estas verdades, o coração o desmente e a experiência desfaz sensivelmente todos os seus sofismas. Ah, meu Deus, e quão desgraçado é quem fora de vós busca sua felicidade e seu repouso!

Coisa estranha! Está o mundo cheio de queixosos e de infelizes; nele tudo são abrolhos, tudo espinhos; e com tudo isso pretende-se que há de ser a região dos prazeres. Pelo contrário, são herança dos bons, ainda nesta vida, os consolos e a felicidade; assim o assegura Jesus Cristo; não há santo que não o experimente; e em meio disso não se crê que seja assim.

Consideremos a alegria de um São Brás diante de sua caverna, rodeado de feras pacíficas; ou consideremo-la no meio daquela espessa chuva de pauladas que sofreu por amor de Jesus Cristo. Que mundano gostou jamais alegria tão pura, consolo tão doce, prazer tão requintado?

Meu Deus, ainda quando fosse certo que o mundo transbordasse em prazeres verdadeiros, ainda quando suas delícias fossem herança de seus sequazes, havia eu de buscar minha felicidade em outra parte que em vosso santo serviço? Mas, sendo certo que servir-vos a vós é reinar, sendo inegável que fora de vosso serviço não há prazer, não há gosto verdadeiro, poderei duvidar por um só instante se me hei de resolver a amar-vos e servir-vos?

Não, Senhor, não delibero um momento; conheço a falsidade e o nada de todos os gostos do mundo; renuncio-os, detesto-os de todo o meu coração; não quero outros senão os que se encontram em amar-vos sem intermissão e em servir-vos com fidelidade.

Jaculatórias

> *Quam bonus Israel Deus, his qui recto sunt corde!* Sl 72,1.

Quão bom é o Senhor para todos os que o servem com um coração reto e são!

> *Mihi autem adhærere Deo bonum est.* Sl 72.

Para mim não há, nem apeteço, outro prazer senão estar unido a meu Deus perpetuamente.

Propósitos

1. Começa desde este mesmo ponto a desterrar da imaginação estas vãs ideias que nos representam os gostos do mundo com umas cores tão vivas e tão brilhantes; conhece desde logo sua vaidade e sua peçonha. Mas não te fiques aqui: renuncia eficazmente todos os gostos ilícitos, todas as diversões profanas, impondo-te uma inviolável lei de não admitir jamais diversão nem gosto que não seja muito lícito e muito piedoso. Mas, porquanto os propósitos puramente especulativos e gerais frequentemente só servem para tornar-nos mais delinquentes, faze que sejam práticos os teus e desce a coisas particulares. Põe a ti mesmo um interdito de toda diversão de carnaval, negando-te a uns desafogos que deveriam encher de horror a quem tivesse não mais que uma leve tintura de religião. Tais são esses saraus livres, esses jogos de mãos escandalosos, esses bailes dissolutos, que estão proibidos a todo bom cristão; essas comilanças inseparáveis das maiores desordens; esses espetáculos profanos, todas essas algazarras de estrondo, de confusão e de tumulto, que por qualquer lado por onde se olhem estão em essencial oposição com a doutrina de Jesus Cristo e são funestos escolhos da inocência. Sai ao encontro de todos os artifícios do amor-próprio, que não deixará de amotinar-se contra tua resolução; faze-te inflexível a todas as suas solicitações e ri-te de seus despiques. Constitui-te superior a todo respeito humano, que é o rochedo onde mais frequentemente se estilhaçam as melhores resoluções que tendem à reforma. Livrar-te-á esta generosa determinação de mil sobressaltos da alma, de mil remorsos; e não esperarás a hora da morte para receber os aplausos, nem para experimentar o gosto desta importante vitória. Quanto consolo sentirás nos primeiros dias da quaresma, e ainda amanhã mesmo, de ter empreendido hoje uma reforma, uma resolução tão generosa!

2. Ainda nas diversões honestas e lícitas que de hoje em diante te permitires, observa as advertências seguintes. Primeira: Nunca te entregues a diversões de que depois hajas de arrepender-te. Segunda: Toma-as sempre por algum bom motivo justo e honesto; sejam diversão e não emprego, fugindo de dedicar-te a elas com excesso. Terceira: Grande coisa seria que as temperasses sempre com o pensamento da morte; esta é a melhor triaga contra o veneno do

amor-próprio. Quarta: Tempera toda diversão com o proveitosíssimo molho de alguma mortificaçãozinha. São Francisco de Sales aconselhava os cortesãos e gentes do mundo que, quando a atenção, o estado, a urbanidade ou o emprego os obrigassem politicamente a não se escusar de assistir a certas diversões algo ocasionais, fossem pertrechados com algum instrumento oculto de mortificação que tivesse o corpo um pouco desazado. Este é um admirável segredo para nutrir a piedade ainda em meio daquelas diversões que parecem mais ocasionais à distração. Quinta: Em todo caso, ainda nos entretenimentos mais inocentes, menos ocasionados e mais ordinários, jamais te hás de dispensar no mínimo das regras da modéstia, da compostura e do decoro. Facilmente se dissipa o coração com a alegria; e, se se concede demasiada liberdade aos sentidos, aquele se derrama para fora e, da dissipação, passa à dissolução, sem ser já dono de si mesmo para conter-se. A compostura e a modéstia cristã devem ser o sainete de todas as tuas diversões. Sexta: Procura que os pobres entrem também na parte em tuas festas; dá de comer a alguns ou envia a comida a alguma família pobre e honrada, persuadindo-te de que convidas a Cristo convidando a seus amigos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:31 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:31 by Admin